

A brincadeira sem graça  
 De qualquer toque que assusta,  
 O veneno que se espalha  
 De toda palavra injusta;  
 A queixa de toda hora,  
 O choro sempre constante,  
 O vinagre da censura,  
 O riso desconcertante;  
 A voz de fera acuada  
 Que surge da irritação...  
 — Eis algumas aberturas  
 Das tramas da obsessão.

## UM CASO DE OBSESSÃO

Dos casos que tenho visto,  
 O de Antonico Vicente  
 É uma história como tantas  
 Para educar muita gente.  
 Dono de imensa fortuna,  
 Era um sovina acabado,  
 Quem lhe pedisse um favor  
 Saía desanimado.  
 A mendigo que rogasse  
 A esmola de algum vintém,  
 Sarcástico, respondia :  
 — “Espera o ano que vem.”  
 Um dia, chegou, no entanto,  
 Em que Antonico mudado,  
 Apareceu, de repente,  
 Plenamente obsedado.

Cantava, chorava e ria,  
 Falava em estranhas crises,  
 Transformara-se num pouso  
 De espíritos infelizes.  
 Conduzido a um centro amigo,  
 A fim de obter socorro,  
 Ele chegou a clamar:  
 — “Não agüento!... Sei que morro!”  
 Depois de preces e passes,  
 Veio o Guia acalentá-lo...  
 Antonico, de improviso,  
 Melhorou quase de estalo.  
 Por quatro meses de bênção,  
 Voltou a ser folgazão,  
 Largou as más influências,  
 Curou-se da obsessão.  
 Era, porém, sempre o mesmo...  
 Nada de agir para o bem  
 Fosse qual fosse o pedido,  
 Não amparava a ninguém.

Findos dez meses de paz,  
 Disse-lhe o guia: “Antonico,  
 Não deixe de trabalhar;  
 Recorda que és forte e rico.”  
 — “Que fazer?” — perguntou ele...  
 Disse o Guia — alma sincera —  
 “Socorre aos necessitados,  
 A caridade te espera.  
 Abandona a sovinice!...  
 Meu amigo, escuta e pensa.  
 Auxilia as boas obras  
 Sem aguardar recompensa.  
 O tempo segue e não pára!...  
 Atende, meu companheiro,  
 Distribui na caridade  
 Um tanto de teu dinheiro!...”  
 Mas, ouvindo esses conselhos,  
 Antonico, sem razão,  
 Xingou a beneficência  
 E entrou em perturbação.

Por muitos anos, bradou:  
 — “A ninguém darei meu cobre...”  
 Antonico alimentava  
 O medo de ficar pobre.  
 E gritou até morrer  
 No Sítio de João do Zorro,  
 Comendo barro e clamando:  
 — “Não agüento! Sei que eu morro!...”

## DIA DOS PAIS

Casimiro era bom pai...  
 E pai sempre é o companheiro  
 Que trabalha todo dia  
 Para cavar o dinheiro.  
 Para que tanta moeda?  
 Ouço a pergunta, assim rasa...  
 Não respondo... Pai é sempre  
 O grande esteio da casa.  
 É a compra em supermercado,  
 Levando o carro de mão,  
 É a conta da leiteria,  
 Da luz, do gás e do pão.  
 É a despesa no colégio  
 De quatro filhos pequenos,  
 O preço da condução,  
 Sempre mais, nunca de menos.